

# Discurso neoliberal-neoconservador através das mídias da década de 1980: reestruturação das tecnologias coloniais e associações homofóbicas entre homossexualidade e VIH/SIDA

**Matheus Souza Giareta<sup>1</sup>**  
Universidade Federal da Grande Dourados

**Resumo:** O texto refere-se aos argumentos produzidos como respostas a uma pesquisa de mestrado a qual utilizou a análise do discurso como método de investigação das profundezas de subjetivação neoliberal-neoconservadora após o início da epidemia de VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana)/SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) na década de 80. O contexto da ascensão neoliberal corroborou para a disseminação de discursos homofóbicas contra os sujeitos que se encontravam a deriva de instabilidades sociais e de saúde. Além da exposição de violência discursiva que promoveu exclusão e sofrimento, o recorte da pesquisa identificou estruturas capitalistas na inscrição desses discursos. Associamos assim, as mídias produzidas no Brasil como ferramentas de recodificação das subjetividades à uma releitura pragmática das ideologias eurocentradas.

**Palavras-chave:** colonialismo; discurso; homossexualidade; neoliberalismo-neoconservadorismo; VIH/SIDA.

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia (processos psicosociais) pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), graduado em Psicologia (bacharelado e licenciatura) pelo Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN). Atua como psicólogo clínico e possui percurso em Psicanálise.

# **El discurso neoliberal-neoconservador a través de los medios de comunicación de la década de 1980: colonialismo y asociaciones homofóbicas entre homosexualidad y VIH/SIDA**

**Resumen:** El texto se refiere a los argumentos producidos como respuestas a una investigación de maestría que utilizó el análisis del discurso como método para indagar en las profundidades de la subjetivación neoliberal-neoconservadora tras el inicio de la epidemia de VIH (Virus de Inmunodeficiencia Humana)/SIDA (Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida) en los años 80. El contexto del auge neoliberal corroboró la difusión de discursos homofóbicos contra sujetos alejados de la inestabilidad social y sanitaria. Además de la denuncia de la violencia discursiva que promovía la exclusión y el sufrimiento, la investigación identificó estructuras capitalistas en la inscripción de estos discursos. Así, asociamos los medios producidos en Brasil como herramientas para la recodificación de las subjetividades con una relectura pragmática de las ideologías eurocéntricas.

**Palabras clave:** colonialismo; discurso; homosexualidad; neoliberalismo-neoconservadorismo; VIH/SIDA.

## **Neoliberal-neoconservative discourse through the media of the 1980s: colonialism and homophobic associations between homosexuality and HIV/AIDS**

**Abstract:** The text refers to the arguments produced as responses to a master's research that used discourse analysis as a method of investigating the depths of neoliberal-neoconservative subjectivation after the beginning of the HIV (Human Immunodeficiency Virus)/AIDS (Acquired Immunodeficiency Syndrome) epidemic in the 80s. The context of the neoliberal rise corroborated the dissemination of homophobic discourses against subjects who were adrift from social and health instabilities. In addition to the exposure of discursive violence that promoted exclusion and suffering, the research identified capitalist structures in the inscription of these discourses. Thus, we associate the media produced in Brazil as tools for the recoding of subjectivities with a pragmatic rereading of Eurocentric ideologies.

**Keywords:** colonialism; discourse; HIV/AIDS; homosexuality; neoliberalism-neoconservatism.

O artigo apresentado refere-se às respostas encontradas durante a minha pesquisa de mestrado, realizada no programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Optamos por uma metodologia que estivesse alinhada na desconstrução dos modos contemporâneos de subjetivação e da normatividade imposta dos sujeitos que se reconhecem como homossexuais vivendo com VIH/SIDA na década de 80 e os sentidos perdurados na atualidade.

A análise do discurso é uma metodologia que permite investigação arqueológica dos sentidos discursivos. Segundo Foucault (1996), o discurso é construído por meio da linguagem, onde são utilizadas representações simbólicos e culturais na construção de sujeitos autorizados. A metodologia propõe encontrar modos de subjetivação e os sentidos dos discursos carregados por séculos na interação e promoção de uma determinada “ordem social” individualizadora orquestrada pelo poder.

A pesquisa promoveu um exame profundo não apenas dos significados de viver com VIH/SIDA, mas também da linguagem gramatical. Reivindicamos a necessidade de um olhar interseccional que busca um local de direitos corporais das subjetividades subordinadas pelo processo estrutural do capitalismo, utilizando a linguagem inclusiva como ato político de maneira que todos possam se sentir parte da escrevivência. Utilizamos as siglas VIH/SIDA – língua portuguesa – ao invés de HIV/AIDS – língua inglesa – como ato político. Desse modo, localizamos falantes de língua portuguesa, possibilitando visibilidade as culturas do sul global e alternativas a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005).

Atualmente, vivenciamos no cenário VIH/SIDA, novas possibilidades de prevenção contra ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), além das tradicionais – os preservativos – que nos atestam como sujeitos “seguros e libertos” para uma vida sexual ativa. Contamos, hoje, com a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e a PEP (Profilaxia Pós-Exposição), as quais são métodos de tratamento e prevenção ao risco de VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana). Isto é, gozamos de uma Política de Saúde minimamente preocupada em nos oferecer tecnologias de prevenção do contágio a qual assolou o mundo na epidemia de SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) na década de 80.

Os métodos atuais de prevenção contra VIH/SIDA possuem caráter político e subjetivo na compreensão do que é morrer, no passado, e viver no presente, com a infecção. Temos hoje, estatísticas que comprovam a queda do contágio de VIH em diversos países no mundo desde o início da epidemia de SIDA e, consequentemente, a diminuição da taxa de mortalidade devido a conscientização social e os modelos biomédicos de prevenção (UNAIDS, 2022).

A eficiência das profilaxias pré e pós-exposição contribuiu para que não vivêssemos exacerbadamente o caos sanitário enfrentado nas primeiras décadas após o surgimento da SIDA. É possível que, parte dos sujeitos que são expostos ao vírus, hoje, tenham consciência de que viver com VIH não é uma sentença de

morte, ainda que essa não seja uma condição totalmente segura contra a contaminação. Por isso, uma hipótese para o rebaixamento de preocupações com a infecção de VIH/SIDA, seria a segurança biomédica oferecida nos dias de hoje, a qual promove uma vida comum e saudável às pessoas vivendo com VIH.

Existem diversos diálogos que se contrapõem à vida sexual e suas metodologias contraceptivas. Os métodos de prevenção podem parecer uma afronta à moralidade neoliberal, apresentando justificativas tendenciosas na credibilidade ao tratamento por meio de justificativas por práticas superficiais e normativas de segurança fisiológica, privatizadora dos direitos sexuais, atestando o ato sexual fora do casamento um pecado pré-matrimonial destruidor da família tradicional europeia, além da patologização social e endemonizada da homossexualidade.

Desde a ascensão do neoliberalismo, em meados dos anos 1930 e 70, os sujeitos foram abruptamente induzidos a obter um comportamento ríspido em direção aos cuidados da própria saúde (BROWN, 2023). A perspectiva administrativa passou a ser não mais apenas uma questão de empresas físicas, mas também de administração subjetiva, de modo que os sujeitos passem a ser agora, responsáveis por si mesmos, entendendo-se como empresas de si próprios (BROWN, 2023). Em suma, a SIDA fora tomada como consequência de “escolhas libertinas”, visto que cada um administre sua própria vida baseada em ideologias neoliberais, ou seja, a infecção adquirida, posta a um sentido de aquisição pessoal.

Sabemos que o neoliberalismo propõe uma gramática econômica e individualizadora, encarregada de atuar na recodificação subjetiva, promovendo a ideia generalizada de empresa de si próprio, colaborando com a super produtividade, de modo que gere gozo do próprio sofrimento. É uma governamentalidade que se apoia nos conceitos conservadores de mercado e capital, onde busca objetivamente, por meio de ações privadas, o desmantelamento do Estado, acumulando riquezas, promovendo discursos que atravessam as subjetividades, até que nos submetam a viver vidas precarizadas.

O assalto a sociedade e justiça social nas décadas neoliberais é mais comumente identificado no projeto de desmantelar que depreciar o estado social em nome de indivíduos livres e responsabilizáveis. Ele atingiu um crescendo institucionalizado no regime de Trump, no qual os órgãos governamentais destinados a conduzir o bem-estar social nos domínios da saúde serviço social educação moradia trabalho e desenvolvimento urbano e meio ambiente são chefiados por pessoas comprometidas com a comercialização ou eliminação desses bens e não com a sua proteção ou administração. (BROWN, 2023: 39)

Há, ainda hoje, um estigma enraizado e atitudes preconceituosas que envolvem VIH/SIDA e comportamentos entendidos pela sociedade universalizante como pecaminoso e destruidor de famílias, considerando a população brasileira predominantemente cristã. Percebemos que um território construído por essas ideologias é potencialmente violento, capaz de destorcer sentidos, produzir e gerir sofrimento aos sujeitos homossexuais vivendo, ou não, com VIH/SIDA.

A nossa aposta é a de encontrar, gradativamente, relações entre o colonialismo – suas ideologias – e o neoliberalismo-neoconservadorismo, enquanto racionalidade que promove uma releitura de intervenções e categorizações originalmente eurocêntricas, elegendo subjetividades homossexuais e PVHA à uma posição social violenta. Isto é, no contexto VIH/SIDA, foram utilizadas pelos grupos neoconservadores, ideologias neoliberais, transmitidas aos interlocutores por meio de veículos de informações, produzindo e gerenciando o sofrimento (SAFATLE, 2022) através de discursos equivocados, entendendo essa varredura como estratégia de ordem social.

Contextualizamos na pesquisa, o cenário global e nacional de VIH/SIDA na década de 80, as influências pessoais políticas que protagonizaram a criação dos primeiros movimentos ativistas, a criação de leis governamentais de proteção trabalhista e cuidado à saúde das pessoas vivendo com VIH/SIDA, além das mobilizações médicas e científicas. Seguimos com as análises midiáticas (textos e imagens) de jornais e revistas onde foram encontradas estratégias econômicas – categorizações capitalistas: classe, raça, gênero, sexualidade e religião (QUIJANO, 2005) – de agentes de subjetivação neoliberais-neoconservadores, aos quais pretendiam produzir sob as resistências subjetivas, a compreensão do surgimento de um vírus mortal/moral como castigo às subjetividades homossexuais.

## (Re)formulando tecnologias capitalistas

As articulações esmiuçadas na pesquisa nasceram de problematizações construídas durante o percurso subjetivo linguístico do pesquisador que insere os sujeitos em uma determinada cultura, imersa em símbolos e significações, mas também após o contato com um espaço científico/político, a Universidade Pública, mais apropriado dizer, os Programas de Pós-graduação em Psicologia e Antropologia (UFGD). Utilizamos na ocasião, o pensamento crítico latino-americano – decolonialidade – como base da investigação dos pressupostos neoliberais e neoconservadores que produzem modos de subjetivação e sentidos normativos.

Ao viver uma vida marcada pela homofobia e pela exclusão, identifiquei, juntamente com o grupo de estudos TDI/UFGD (Território, Discurso e Identidade), sentidos produzidos pelos discursos vigentes que esboçam e atualizam formulações tecnicistas das ideologias colonizadoras. Cercados pelo agronegócio, as subjetividades homossexuais são obrigadas na maior parte do tempo, viver uma vida maquiada pelos preceitos normativos da população douradense. É uma cidade de médio porte, localizada no estado de Mato Grosso do Sul (MS), região centro-oeste do país, a qual contabiliza cerca de 250.000 habitantes (CENSO, 2022) e possui uma tradição centrada na família idealizada e na cristandade.

O cristianismo é hoje, o seguimento religioso predominante da região de MS. Sua institucionalização teve início ainda na província de MT (Mato Grosso), como “acordo” simbólico dos povos originários da região, em relação ao poder (MOURA & ORTIZ, 2018), assim como no país inteiro (FERNANDES, 2022). Além disso, destacamos aqui, a recente política bolsonarista, percebida nos quatro anos de mandato, como influenciadora de discursos violentos, propagadora de *fake news* (MORI, 2020) e promotora do exílio de sujeitos não-brancos, objetivando abastecer seus cofres através da invasão territorial e do massacre hegemônico.

O Brasil é um país que foi construído através da dominação colonizadora, de modo que a coroa portuguesa se apropriava não só de terras, explorando e violentando os nativos, mas também de modos de subjetivação. A modernidade protagonizou o nascimento do capitalismo, idealizando corpos “submissos” em meio às práticas industrializadoras de sujeitos, criando uma ilusão de sujeitos-mercadoria, “maquinorgânicos”, os ciborgues de Donna J. Haraway (2009: 38): “*O ciborgue é também, o telos apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência*”.

Assim, foram empregadas pelas sociedades europeias, as categorizações: raça, sujeitos não europeus são tratados apenas como subumanos, seres místicos

e sem alma, entendidos naquele momento, como nada mais que abjetos (QUIJANO, 2005); *sexo*, a criação da dicotomia dos corpos pelas diferenças anatômicas passaram a ser entendidas como pré-requisito para as performances de gênero binário, nada mais que essa dualidade opressora, reiterada por políticas reguladoras do sexo (BUTLER, 2020); *religião*, o cristianismo é a prática religiosa que fundamentam os discursos colonizadores em defesa da escravidão, da cis-heteronormatividade e das posturas patriarcais (LERNER, 2019); *classe*: não temos o direito de falar ou existir, a menos que façamos parte de uma família burguesa (FOUCAULT, 2008): “*A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado*” (HARAWAY, 2009: 47).

Haraway (2009) utiliza metáforas do mundo ciborgue como mecanismos de proteção contra a possibilidade de “blasfemar” a hegemonia e as contradições que não se resolvem a mecanicidade social. Em virtude do capitalismo e todas as amarras que constituem sua estrutura, chamou os sujeitos de ciborgues. Segundo ela, o ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina, - meio homem, meio máquina –, uma criatura de realidade social, mas também de ficção e experiência vivida. Vivemos esse momento na contemporaneidade, sociedades naturais e fabricadas por modos de governar. Para ela Haraway, cada um é um dispositivo codificado “*A produção moderna parece um sonho de colonização ciborguiana, um sonho que faz com que, comparativamente, o pesadelo do taylorismo pareça idílico*” (HARAWAY, 2009: 36).

O ciborgue é uma criatura de um mundo pós gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, como a simbiose pré e de pica, com o trabalho não alienado. O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação o último de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior. (*idem*: 38)

A ótica de uma vida “ciberorgânica” está justamente entre a transgressão entre o animal e a máquina, onde as subjetividades são totalizadas por meio de tecnologias da existência em um mundo ontologicamente determinado pela política ciborgue e, essa vida entre máquina e humano gera guerras de fronteiras “*As pessoas estão longe de serem assim tão fluídas, pois elas são, ao mesmo tempo materiais e opacas. Os ciborgues, em troca, são éter, quintessência*” (HARAWAY, 2009: 44). O que vemos nessa guerra são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação.

A luta teórica e prática contra a unidade-por-meio-da-dominação ou contra a unidade-por-meio-da-incorporação implode, ironicamente, não apenas as justificações para o patriarcado, o colonialismo, o humanismo, o positivismo, o essencialismo, o cientificismo e outros “ismos”, mas também todos os apelos em favor de um estado orgânico ou natural. (HARAWAY, 2009: 51)

É esse campo que se abre para as fraturas sociais, ou melhor, para a presença de identidades fraturadas. São estruturas criadas conscientemente pela objeção do sujeito. Para Haraway (2009) o gênero, a raça e classe são social e historicamente constituídos e é a consciência da exclusão é produzido por meio da nomeação. “*Estamos dolorosamente conscientes do que significa ser constituído*” (HARAWAY, 2009: 51).

Desse modo, associamos o neoliberalismo-neoconservadorismo ao colonialismo europeu, pois é um tipo de política antidemocrática que atualiza o território através da linguagem, por meio de atitudes capitalistas, conservando valores de

uma tradição moralista nomeada pelo poder. Segundo Wendy Brown (2023), o neoliberalismo é um ataque à igualdade, combinado com a mobilização dos valores tradicionais e pode dessa maneira, acentuar o desejo e a legitimação dos racismos dos legados coloniais e escravagistas aos quais há tanto tempo negligenciam e aniquilam vidas.

O neoliberalismo-neoconservadorismo valida os valores coloniais legitimadores das justificativas capitalistas (BROWN, 2023). Isto é, os grupos neoliberais colocam a sexualidade em pauta na recodificação das identidades por uma prerrogativa criada por ideologias cristãs no ocidente. Reitero aqui, que não se trata de uma crítica ao cristianismo, mas sim de uma análise endossada dos discursos que promovem sofrimento e morte aqueles sujeitos que recaem sob tais normativas de direitos sexuais. Como defesa aos corpos dissidentes e as culturas menos-prezadas, centenas de estudos de pesquisadores africanos e latino-americanos nos oferecem uma visão certeira dos condicionamentos estruturais e institucionais que subalternizam as subjetividades femininas e homossexuais.

Em algumas sociedades africanas e originárias dos povos que viviam anteriormente à invasão do Brasil, apresentam/apresentavam configurações contrárias às que encontramos hoje no ocidente baseadas no gênero binário, por exemplo. Estudos realizados por Oyérónké Oyéwùmí (2021), apresenta explicações de hábitos e tarefas do grupo Iorubá (Nigéria) ligadas a antiguidade cronológica dos sujeitos e não pelo sexo e gênero. Além disso, Oyéwùmí (2021) propõe as categorias de gênero como opressão aos sujeitos e uma medida sociocultural de funcionamento da família euramericana.

Alguns registros coloniais no Brasil por exemplo, apresentam em relatos, o funcionamento de tarefas que foram realizadas pelo povo Mbayá. Segundo Fernandes (2016), esse grupo tinha como costume relacionarem-se com sujeitos do mesmo sexo. É visto que essa atitude está relacionada com questões culturais/espirituais. Nada tinha a ver com modos de organizações anatômicas/sociais. Outros grupos de povos indígenas, como os Chamboiás, vestiam-se com roupas reconhecidas hoje, como femininas, além disso, “serviam” sexualmente outros homens. Para o autor, esse contato passou a ter conotação perversa somente após a colonização, confirmando a hipótese de uma política sexual e materialista utilizada como fundamentos tradicionais religiosos na racionalidade neoliberal.

Queremos propor as tentativas de categorizações normativas da vida como políticas capitalistas reformuladas deliberadamente na atualidade e, essas ideologias colonizadoras são estratégias do poder sob orientação da ideia de uma obrigatoriedade cisheteronormativa a qual popularizou a SIDA, através dos discursos e por meio de mídias, como castigo divino por obstruir os caminhos lineares da objetividade neoliberal-neoconservadora.

Vivemos uma vida precarizada e, ao mesmo tempo, ciborguiana. Ao passo em que vivemos uma governamentalidade antidemocrática e assujeitada, respondemos automaticamente os comandos tecnológicos autoempresariais da *happycripacia* (CABANAS e ILLOUZ, 2022). Isto é, uma envergadura no tempo a qual trilha nosso sofrimento por meio de resquícios da colonialidade do poder e das atualizações produtivas na idade contemporânea. Parece um tanto quanto complexo e confuso, mas, veremos a seguir, discursos neoliberais-neoconservadoras em mídias de informações as quais produziam sentidos aniquiladores de subjetividades no que tange o surgimento da SIDA, a financeirização da vida, a moral e a homossexualidade, como modos de subjetivação.

Para Bastos (2002), no início da década de 80, diante do caos que havia sido instalado no mundo por causa do vírus, sobretudo nos Estados Unidos e no Brasil, os discursos neoliberais-neoconservadores que haviam sido feitos por influentes do império científico e governamental, alteraram os fatos sociais e assim, alteraram também, o imaginário social. Por coincidência, ou não, os primeiros casos divulgados de uma nova infecção letal, anunciavam pessoas jovens, sexo “masculino”, sem histórico de comorbidades anteriores de saúde e que se relacionavam sexualmente com outros homens. Esse teria sido o ponta pé inicial das associações entre homossexualidade e VIH/SIDA (BASTOS, 2002).

Na medida em que os casos iam sendo divulgados e as mortes iam acontecendo, os grupos neoliberais utilizavam fundamentos religiosos, auxiliados por grupos neoconservadores, de modo que o vírus teria ocupado um lugar de castigo de Deus ao contrariarmos as ideologias cristãs. Essa ideia de contradição surge perante a ideia do que Foucault (2008) chama de poder pastoral, ao qual é ordenado por um representante eleito por Deus, ele vem a terra e, em nome dele, pastoreia as ovelhas em direção a salvação. Essa salvação pode ser subentendida como a ordem social neoliberal. A salvação da lucratividade e de uma sociedade pretensiosamente normatizada, onde os sujeitos são postos em esteiras industriais caminhando como homens-máquinas ciborgues, buscando sentidos a partir de seu próprio cansaço físico e mental.

## Discursos em mídias e produção de violência

A primeira notícia pública sobre a SIDA no Brasil ocorre em 1983, por meio de um jornal impresso da época *O Globo*. No recorte em questão, o registro é apresentado por um enunciado caracteristicamente clássico em relação as representações e aos estereótipos das homossexualidades masculinas: “*Costureiro Markito morre de ‘câncer-gay’ em Nova York*”. Além disso, no recorte foi colocada uma imagem do costureiro, ao lado de uma possível modelo. Esse campo da moda é considerado majoritariamente um ambiente exclusivo e feminino. Embora ao longo do tempo a comunidade LGBTQIAPN+ tenha tido muitas conquistas e direitos preservados ou reestabelecidos, é possível observar a maneira hostil ao qual Marcos foi colocado naquela notícia. Ainda que “Markito” seja seu apelido, é uma maneira de inferiorizá-lo, colocando-o numa certa hierarquia machista, transladado a uma cultura de penetalidade feminina (BAÉRE e ZANELLO, 2020). Já que ele ocupa uma posição supostamente “feminina” na sociedade novaiorquina, logicamente sua morte foi associada a um chamado “câncer-gay”, entendendo-se que seu estilo de vida foi literalmente um passaporte para o “mau”.

O câncer é uma causalidade fisiológica a qual não se refere a uma especificidade subjetiva, mas sim, as causalidades orgânicas e ambientais as quais o corpo é exposto. Ou seja, o próprio estigma do câncer como uma doença do “fim”, do trauma e do corpo em destruição “sem cura” - como era e ainda é compreendido por muitos - é preservado e interligado a uma concepção imoral de comportamentos considerados inadequados pelos ocidentais, europeus e cristãos, objetivando o extermínio parcial/total das subjetividades homossexuais. A passividade do organismo humano, diante de determinantes cancerígenos (NETO e TEIXEIRA, 2017) associada as subjetividades homossexuais naquela época, foi substituída por sentidos repugnantes: o caráter sociobiológico do sarcoma/carcinoma é transmutado para um caráter controlável de aquisição, a peste.

No mesmo ano, uma outra notícia foi divulgada referindo VIH/SIDA como uma condição predeterminada pelo “comportamento homossexual”. O jornal *“Notícias Populares”* contribui com a estigmatização da SIDA ao glosar: “*É a pior e mais terrível doença do século. Dois brasileiros mortos*”. Percebe-se uma frase objetivada, em toda a história, essa teria sido a pior de todas as doenças no século, dando indícios de uma racionalidade monstruosa em ascensão. Ao enfatizar *“Dois brasileiros mortos”* pretendem internalizar a ideia cisheteronormativa – ainda que não comprovada – de que essas vítimas poderiam estar se relacionando, entre eles ou com outros homens. É um modo de subjetivação imediato para objetivos específicos, *“Peste-gay já apavora São Paulo”*. Além disso, a localização referida é um forte indício dos objetivos das discursividades atreladas a essa varredura de corpos dissidentes. São Paulo tenta, na medida do possível, manter sua tradição imperial, grande centro econômico referenciada ao êxito colonial, ainda que seja uma tentativa falha.

Foram incontáveis as associações feitas pelos veículos de informações, sobre homossexualidade e VIH/SIDA. Continuaremos expondo-as. Ainda sob os holofotes de 1983, o *Notícias Populares* publica uma nova matéria: *“Descoberto vírus que mata gays”*. Sabemos que a infecção por VIH/SIDA é uma condição de saúde suscetível a qualquer sujeito. Lembramos aqui, as dolorosas categorizações as quais incluíam determinadas características pessoais na formação de um grupo chamado de “5Hs”, próximo do que temos hoje de “população-chave, designado como sujeitos mais propícios a serem expostos pelo vírus causador da SIDA. O “5Hs” era formado por sujeitos homossexuais, hemofílicos, heroinômanos, haitianos e trabalhadora(e)s do sexo). É nítido que a partir das considerações de Foucault (1996), a sexualidade se movimenta o tempo todo, não é estática. Sabido isso, não significa que todos os “integrantes” daquele grupo seriam gays, ou que, pessoas heterossexuais não poderiam ser infectadas também. É a prova da culpabilização induzida e façanha política da certeza da existência de um vírus exclusivo ao grupo “5Hs”, onde sujeitos são considerados uma despesa para o Estado.

Para fechar o ano de 1983, uma nova “fonte de informações” ataca as pessoas homossexuais e pessoas vivendo com VIH/SIDA. Mais uma vez, o jornal *Notícias Populares* enuncia: *“Aids é castigo de deus, porque bicha é uma raça desgraçada”*. Nessa reportagem, não há nada para se duvidar no que tange aos discursos agressores. Ainda que fosse um recorte de opinião, o enunciado foi muito bem destacado e enfatizado no material impresso. Sendo assim, produz capacidade negativa de interpretação, colocando a SIDA como castigo divino e as subjetividades homossexuais, uma raça desgraçada. Seria essa uma nova raça atualizada? Ao lembra das novas tecnologias, atualizadas pelo neoliberalismo-neoconservadorismo, trazemos à tona uma subversão da racialização justificada pelo capitalismo (QUIJANO, 2005). Se a raça foi pensada como modelo próprio de categorização e opressão, a homossexualidade vista como “raça desgraçada”, nos coloca como sujeitos que não merecem a salvação, não merecemos a graça de Deus, o Deus colonizador!

No ano 1985, no embalo da devastação, o jornal *O Globo* apresenta uma matéria realizada com o polêmico arcebispo dom Eugênio Sales, do Rio de Janeiro. Na ocasião, o arcebispo discursa em seu programa radiofônico *A Voz do Pastor*, uma série de discursos extremamente homofóbicos, machistas e racistas. No entanto, a análise começa antes, na chamada para a matéria, na introdução sobre dom Eugênio. Primeiro, dom Eugênio é caracterizado por sua idade cronológica, “64”, colocando-o, em seguida, como “cardeal-arcebispo” do Rio de Janeiro. Esta

parece ser uma informação inofensiva, porém, entendemos analiticamente a introdução como uma confirmação do que virá a ser dito. Isto é, as verdades incontestáveis dita por um homem eleito por deus e pelo povo, experiente e que possui um status de poder, dono de um programa radiofônico e arcebispo da igreja católica. *“Falou ontem em seu programa radiofônico sobre a Aids e atribuiu a propagação da doença à natureza que ‘violentada se vinga, e quando o faz, é terrível’. Criticou também o homossexualismo e a ‘infidelidade conjugal’.* Dom Eugênio utiliza a metáfora natureza indicando-a como Deus e que ela se sente violentada quando sujeitos do mesmo “sexo” se relacionam, ou seja, a “confirmação” de que a SIDA é a vingança de Deus sob os corpos que contrariam essa ordem natural binária e monogâmica.

A *Folha de São Paulo* divulgou em 1987, uma matéria com o seguinte enunciado *“A polícia ‘combate’ a Aids prendendo travestis”*. Percebemos aqui, o papel da segurança pública no Brasil, especificamente em São Paulo e Rio de Janeiro. Identidades que se reconhecem travestis não possuíam liberdade para circularem. Seus corpos são monitorados por testes de VIH/SIDA e mantidos presos por existirem. É uma medida de interligar a travestilidade com a propagação da SIDA. Não existe, como venho dizendo nesse texto, nenhuma associação identitária com VIH/SIDA. Parece muito mais uma dupla prática de ódio, ao invés de segurança do território sob o que realmente causa alarde a sociedade. Geralmente as rondas policiais que apreendiam as travestis aconteciam durante o ano, exceto no carnaval, quando elas tiravam um tempo das ruas. Não existe crime nenhum naquela abordagem, apenas mulheres fazendo o que bem entendiam com seus corpos, em suma, é a cisheteronormatividade compulsória mostrando mais uma vez do que é capaz.

*“A barreira masculina: pesquisas mostram que fora dos grupos de riscos é muito difícil um homem pegar Aids fazendo sexo com mulheres”*. Esse enunciado foi citado pela revista *Veja*, em 1993, 10 anos após o início da epidemia de SIDA. Existe então, uma barreira que separa a infecção pelo VIH e a morte por SIDA: a masculinidade tóxica. Notoriamente, analisamos as palavras utilizadas milimetricamente pensadas para a produção de sentidos neoconservadoras contornando os acontecimentos referentes a SIDA. Lidamos com pesquisas muito pretenciosas, aliás, quais pesquisas são essas? É um detalhe a ser considerado, visto que algumas pessoas que não tiveram acesso as reais informações compartilhando atrocidades como essas. Somente em uma perspectiva cristã-religiosa e neoconservadora, a masculinidade seria pensada como uma maneira protetiva contra a SIDA. Algum tempo depois, crianças foram infectadas por contaminação vertical, passado de mãe para o filho, ainda durante a gestação e pelo leite materno – hoje, mães que fazem o pré-natal não transmite o vírus para o feto – e, além disso, as mulheres passaram a ser o principal alvo do preconceito contra SIDA (BASTOS, 2002).

Por fim, foi feita uma análise da representação “materializada” do que viria ser um corpo infectado pela SIDA e o seu destino diante de vidas consideradas pecaminosas - do corpo que recebe o título de aberração. A revista *Veja* publicou na capa de 1989, o cantor e compositor Cazuza sob a temida aparência de um sujeito que “paga” pelo preço de sua “liberdade” desvirtuada. Cazuza está sob uma fria e nebulosa imagem da SIDA, em um ambiente estrategicamente escurecido e avermelhado, levando a entender que estava em uma situação de julgamento ou “purgatório”. A imagem de um homem magro, com poucos cabelos devido ao comprometimento imunológico, busca ser utilizada como “exemplo” do que po-

deria acontecer com aqueles que desobedecessem a autoridades terrenas e celestiais “*Uma vítima da Aids agoniza em praça pública*”. Cazuza teria tido, então, seu fim numa praça pública, cercado pela imprensa como juíza do descaso e o público formado por advogados de reiteração das políticas neoliberais-neoconservadoras.

## Considerações finais

A construção da pesquisa e desse artigo permitiu revisitar locais frios e simbólicos aos quais ferem, constantemente, nossas subjetividades. A escrevência é uma maneira de (re)existir diante de um poder abstrato ao qual nos opõe antes mesmo do nascimento biológico, anunciando o sexo, objetivando o ser, matando a população LGBTQIAPN+ e destruindo a democracia, ou pelo menos, o que deveria ser uma.

As teorias fundamentais as quais baseiam as minhas argumentações é um ato político em que reivindicamos a nossa voz enquanto potência motivadora do movimento decolonial latino-americano. É uma pesquisa analítica em que analisa os discursos perversos e exterminadores, de uma política atualizada por meio da lógica colonial capitalista, em meios tecnológicos da informação, criando novos sentidos e interpretações massivas. A SIDA é utilizada pelos neoconservadores-neoliberais como uma estratégia lucrativa e higienizadora de “valores”, uma vigília constante de ódio e normatividade.

A pesquisa é complexa devido as suas ramificações. Por isso, os textos expressos dão abertura para inúmeras reflexões em diversas áreas e saberes como, Ciências Sociais e Saúde. No entanto, corre o risco de ser “mal” interpretada – escolhi correr o risco – devido ao momento político/social e geográfico em que nos encontramos, mas fica à disposição para novas interlocuções centradas no discurso e nas práticas normativas do sexo.

Recebido em 29 de maio de 2024.  
Aprovado em 10 de novembro de 2024.

GIARETA, Matheus Souza.  
**Discurso neoliberal-neoconservador através das mídias da década de 1980**

## Referências

- BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. *Psicologia em estudo*, 20 (2): 2-15, 2020.
- BASTOS, Cristiana. *Ciência, poder, ação: respostas à Sida*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

- BROWN, Wendy. *Nas Ruínas do Neoliberalismo: A Ascenção da Política Anti-democrática no Ocidente*. São Paulo: Editora Politeia, 2023.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- CABANAS, Edgar; LLOUZ, Eva. *Happycracia: Fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: Ubu editora, 2022.
- CENSO-IBGE. *População por Território: Dourados (MS)*. (Site oficial), 2022.
- FERNANDES, Rafael Estevão. Homossexualidade indígena no Brasil: um roteiro histórico-bibliográfico. *Aceno*, 3 (5): 14-38, 2016.
- FERNANDES, Sílvia. Cristianismo no Brasil em perspectiva global. *Religião e Sociedade*, 42 (2), 2022.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População: Curso dado no College de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HARAWAY, J. Donna. “Manifesto Ciborgue, Ciência, Tecnologia e Feminismo-socialista no Final do século XX”. In: TOMAZ, T. (org.). *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. pp. 33-118.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix: 2019.
- MORI, Letícia. *Como a crise do coronavírus expõe racha entre evangélicos no Brasil*. Brasil: BNCC, 2020.
- MOURA, P. N. S. & ORTIZ, I. R. 2018. Tempo e memória do antigo mato grosso: a (re)significação do cristianismo ocidental na cosmologia terena. *Albuquerque, Revista de História*, 9 (18): 33-47, 2018.
- NETO, A. A. L.; TEIXEIRA, A. L. De doença da civilização a problema de saúde pública: câncer, sociedade e medicina brasileira no século XX. *Scielo Brasil*: 2017.
- OYEWÙMÍ, Oyèrónké. *A Invenção das Mulheres, construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, E. (org.). *A Colonialidade Do Saber: Eurocentrismo E Ciências Sociais. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. pp. 227-278.
- SAFATLE, Vladimir. “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- UNAIDS, Relatório Global 2022: A Resposta Global da AIDS está ameaçada.: Relatório Global 2022, A Resposta Global da AIDS está ameaçada. *UNAIDS Brasil*, 2022.